



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Fundamentos da Filosofia
Educador: João Nascimento Borges Filho**

**O que é *definir* a Filosofia? Ou como falar de
filosofia quando não mais existem normalistas**

Paulo Ghiraldelli Jr

Universidade Estadual Paulista (UNESP - Marília)

No âmbito do trabalho acadêmico, estamos acostumados a associar o que entendemos como uma *definição de filosofia* menos ao "amor ao saber", que é a definição vinda da velha fórmula pitagórica derivada da etimologia da palavra "filosofia", e mais à noção de "pensamento crítico", vinda da acepção que a filosofia ganhou nos tempos modernos.

A acepção moderna, que faz a filosofia se associar ao "pensamento crítico", se iniciou, verdadeiramente, com Kant no século XVIII e teve seu ápice em Marx no século XIX. Junto com essa acepção, também pensamos a filosofia como um "saber global e de conjunto" - talvez aí por causa de Hegel, que insistiu na ideia de totalidade, que em uma acepção não tão forte, mais tarde, foi absorvida pelas palavras "global" e/ou "conjunto".

Assim, não raro, entre professores universitários em geral e, também, curiosamente sem muita diferença, especificamente entre professores de filosofia, a definição corrente é de que o "conhecimento filosófico", diferentemente do "conhecimento científico", visa tratar das coisas globalmente, no seu conjunto e de um modo sistemático, enquanto que a ciência fica com elementos setoriais, específicos, sempre na busca de um saber quantitativo sobre um objeto que se torna cada vez menor, mais delimitado. Também diferentemente da ciência, que busca explicar e prever, a filosofia, nessa mesma linha de raciocínio, tem a tarefa de se voltar ao que seriam os "fundamentos do conhecimento", e por isso ela seria antes que um "conhecimento positivo" um "conhecimento crítico".



Quem define a filosofia nesses termos pode se ver como uma mulher ou um homem modernos, herdeiros do Iluminismo e do Romantismo. Às vezes essa modernidade é assumida de forma, digamos, consciente: quem assim se denomina sabe que está assumindo uma determinada herança que se insinua no século XVII, que tem sua marca central no século XVIII e que, enfim, tem seu ponto de chegada em meados do século XIX. Outros, no entanto, apenas repetem a fórmula moderna sem nunca terem imaginado que tal fórmula não tem mais que duzentos ou trezentos anos, e que outras definições foram mais duradouras e, mesmo na modernidade, nunca chegaram a desaparecer e jamais deixaram de se desenvolver.

Se a filosofia é um saber global, como os modernos quiseram, é porque ela tem a ver com a ideia do desdobrar do Espírito, aquela Grande Máquina histórico-lógica que Hegel montou para explicar o que é objetivo, o que é subjetivo, o que é humano-cultural, o que humano-biológico e, enfim, o que é a natureza, a história e a linguagem. A ideia de Todo, presente em Hegel, e já meio que esboçada em autores anteriores a ele, deixou uma marca bastante forte no senso comum do professorado.

Ao mesmo tempo, a ideia de Kant de colocar a razão em um tribunal, um tribunal cujo juiz seria a própria razão, produzindo então um saber prévio que forneceria os resultados da investigação das condições e fundamentos de todo o nosso saber, se ampliou em Marx. Este, *mutatis mutandis*, usou da mesma ideia para modificar um pouco o tribunal, chamando para sentar-se nele não apenas a razão no sentido kantiano, mas a razão mais ampliada de Hegel; ou seja, uma razão capaz de pensar a partir de termos históricos que, na mente de Marx, dariam um salto para além de Hegel, pois seria uma razão *sui generis*: classista mas ao mesmo tempo universal.

Mais tarde, toda essa operação de fazer da filosofia a busca e o reduto do *saber fundamental último* viria a se chamar não mais simplesmente de "teoria do conhecimento", mas ganharia o nome específico de *epistemologia*. Se se tratava ou não de uma metafísica, bem, isso era coisa para se decidir com cada autor que caísse nas mãos do leitor de filosofia. Mas no geral, a definição moderna, se dizendo metafísica ou não, ocupou seu lugar.

Os que sabem essa história toda e os que não sabem não precisam brigar. No final, ambos os grupos concordam no resultado da definição: a



filosofia é um "saber sistemático, de conjunto, global e fundamentalmente crítico". Essa definição parece razoável, ainda que, estranhamente, ela exclua do campo filosófico uma boa parte das pessoas que nós não conseguimos não chamar de filósofos - pessoas como Foucault ou Rorty, por exemplo, que nunca quiseram ser "críticos" no sentido moderno do termo, e que não conseguimos admitir que não sejam autenticamente filósofos.

Apesar disso, muitos de nós não desistem da definição moderna. Por teimosia ou simplesmente por preguiça mental dos que nos escutam, parece que não podemos falar que a filosofia possa ser algo além ou aquém disso sem atrair a ira desses que já selaram essa definição nas suas cabeças ou nas paredes de seus quartos ou nas portas de seus banheiros.

É cômico se não fosse chato! Ou, às vezes, meio que ao contrário, é chato e se torna cômico. Quando vemos um velho professor de filosofia bater no peito e começar a espernear dizendo que é "moderno" e "iluminista" ou, então, que a filosofia não tem o que fazer a não ser se manter como "crítica", podemos até concordar com ele - afinal, os *velhos* merecem respeito.

Mas esmorecemos quando chegamos mais próximos e vemos que toda aquela gritaria não vem de quem está falando por argumentos, mas de quem está apenas falando porque se não tiver a definição moderna em mãos, que decorou como quem decora outras rezas, não saberia o que dizer. Quando a coisa está nesse ponto, o melhor é dar de ombros e deixar o professor senil gritando, chorando e pulando na sua sala de aulas, sozinho ou com normalistas que, talvez por má informação/formação ou talvez por *religiosidade* e maniqueísmo não querem enfrentar o desafio posto por outras definições.

Quais definições?

Ora, não precisamos de nada mirabolante para sabermos que toda e qualquer história da filosofia fala da própria filosofia de diversas formas. E se não quisermos ser cegos, podemos ver que as outras fórmulas não modernas trazem coisas tão úteis quanto nos trouxe a definição moderna.

A definição antiga, segundo a qual tanto Platão quanto Aristóteles pensaram a filosofia, não falava em "crítica", mas falava em algo totalmente diferente - espanto, estranhamento, admiração, distância. Para eles, o conhecimento que chamaram de filosófico surgiu na medida em que homens e mulheres viram o mundo, as coisas, e eles próprios como não amalgamados,



mas distintos, e estranharam que as coisas fossem da maneira que são e não de outra maneira. Ou, mais profundamente, admiraram que as coisas, enfim, são e não *não-são*. Por que há o que há? Por que simplesmente não se poderia ter o que seria o mais fácil - o não há?

Quando homens e mulheres estranham e ao mesmo tempo admiram e se distanciam do mundo e de si mesmos, estamos diante de um pensamento que não é científico por uma razão simples: a ciência não se espanta, não admira, não estranha o comum, o corriqueiro, o cotidiano. A ciência se interessa pelo fenômeno ao qual não estamos acostumados, exatamente ou por que ele é sazonal e/ou porque ele nos influencia diretamente. Se há um relâmpago, não é sempre que ele aparece. Quando aparece, ele causa barulho, luz, fogo e às vezes destruição. Isso se não for um recado dos deuses. Então, ele é uma coisa que mais cedo ou mais tarde vai cair sob o olho do cientista. O relâmpago espanta. Mas ninguém pode se espantar com a areia da praia, igual a todas as areias de todas as praias - o *banal*.

O banal é banal exatamente porque é o *elemento* da banalidade cotidiana. A filosofia, diferentemente da ciência, pergunta pelo banal, estranha o banal, torna o banal não mais banal e, enfim, ao fazer isso, cria espanto, admiração, distância. O homem de ciência, ao perguntar sobre o que todos querem saber, é visto cada vez mais como "um homem normal". O filósofo, ao perguntar sobre o banal, é visto, desde sempre, como excêntrico, no limite um ocioso ou um louco.

Platão e Aristóteles ficaram com essa definição, a do filósofo que até pode fazer ciência mas que, como filósofo, quebra o banal ao meio ao tirá-lo da banalidade. Ao perguntar por que *o que é* é o que é, o filósofo inaugura a filosofia como o fim da banalidade. Essa pergunta não é moderna. Ela define a filosofia de um modo que é diferente da definição moderna. Ela tem uma utilidade até hoje, pois o filósofo é exatamente aquele que diante do que não indigna (mais) a mulher e o homem, faz perguntas clamando pela indignação frente ao banal.

Não estou dizendo que Kant, Hegel e Marx não fizeram isso. É claro que fizeram. Eles, mais do que muitos, jogaram para o ar a banalidade, mas, no entanto, o tempo em que viveram não fez com que isso que fizeram fosse responsável por uma definição de filosofia como ela havia sido configurada



para Platão e Aristóteles. Kant tirou da banalidade o conhecimento, Hegel tirou da banalidade a história e Marx tirou da banalidade a forma de organização econômica que tinha como centro algo super banal, a mercadoria. Então, pela definição de filosofia de Platão e Aristóteles, eles foram filósofos. Mas pela definição de filosofia do tempo deles, talvez Platão e Aristóteles tivessem mais dificuldade de serem chamados filósofos. A definição moderna estreitou o campo.

Se voltamos ao nosso velho professor de filosofia, ainda gritando na sala, e falarmos para ele que ele deveria olhar o mundo e se indignar, ele não vê razão para tal, ele não consegue se indignar: para ele, tudo está respondido. Ele, na definição de Platão e Aristóteles, não é filósofo por uma simples razão: sua capacidade de estranhamento é falsa; no fundo, ele não estranha nada. Ele até diz que estranha, mas está mentindo. Tudo está muito bem arrumado na sua doutrina. Ele grita: "o mundo é racional"; ou então, "o mundo é histórico"; ou ainda, há algo "subjacente no mundo e na história" ou, finalmente: "a revolução é necessária".

Ele se afoga em lágrimas não porque um de nós lhe tirou a certeza, mas simplesmente porque teme perder o público que assistia às suas palestras! Teme que as normalistas desapareçam. Para ele, a única coisa que não é banal é sua própria voz, falando de si mesmo. Esse tipo de professor tem um sorriso nos fins das frases ou no fim dos discursos quase que como um cacoete (às vezes meio que no meio do discurso, quando não há graça nenhuma!). O sorriso quer dizer *sem dizer* simplesmente o seguinte: "vejam, minhas normalistas, como o mundo, para mim, não tem segredos, e como agora eu o revelo para vocês".

Há mais definições? Sim, há.

Se ainda nos mantermos na antiguidade, vamos nos lembrar daqueles que Platão julgou como não sendo filósofos, mas que fizeram escolas que pouco diferiam das escolas que Platão, e outros mais tarde, não puderam não considerar como filosóficas ou, no mínimo, como interlocutoras das "verdadeiras escolas filosóficas". Falamos, é claro, dos sofistas, céticos e nominalistas.

Em geral, esses três personagens se fundem: usam argumentos próximos, e o fazem exatamente no sentido de fustigar as escolas filosóficas



que já não são mais filosóficas no sentido que Platão e Aristóteles as definiram - escolas doutrinárias cujos membros não se espantam mais, já não estranham mais. Mais tarde, nos tempos contemporâneos, Nietzsche e os pragmatistas americanos - talvez Dewey e James à frente, como agora faz Rorty ou Davidson - voltam a esses argumentos dos sofistas, dos céticos e dos nominalistas. A ideia é simples: a filosofia é exercida como algo que não possui poderes milagrosos, que não nos dá "crítica" nem "fundamentos últimos", mas é uma *conversação* que move mais os nossos órgãos responsáveis pela esperança no futuro do que os nossos órgãos capazes de um conhecimento exato, "real", "mapeado", do presente.

A filosofia, então, se define pelo que ela pode trazer de alteração na prática *em nosso favor* - já que a ciência, sobre a qual depositamos tanta esperança, nem sempre trouxe as alterações na prática que gostaríamos de ter. O que é filosofia nessa definição? Nada mais que a atividade de colocar na jogada um novo *vocabulário* capaz de *redescrever* nós e o mundo de uma forma mais condizente com a felicidade maior para mais gente. Assim, aqueles pensadores que mais contribuem para que possamos alterar a imagem de nós mesmos e de nossa relação com o mundo de modo a ampliar as chances de desenvolvimento de mais e mais pessoas, são os que podemos chamar de filósofos.

Se voltamos mais uma vez para a sala do nosso velho professor, que agora, deitado no chão apenas balbucia "aiii, eu sou iluminista, eu sou moderno", quase que rezando um terço, agonizante, vemos que ele nunca redescreveu nada, que ele apenas decorou e passou adiante um sermão, e que ele era justamente quem mais distante estava de ser filósofo, por qualquer definição, inclusive a dele próprio. Mas, uma vez confrontado com essa terceira definição, ele dá seu gemido final e... falece, agonizando nos últimos segundos. Não perdemos nada. Só as normalistas perderam um discurso, um eco, que elas vão logo esquecer.

Mas, então, enfim, *o que é definir* a filosofia? Definir a filosofia é, no melhor caso, não defini-la, mas conseguir ver que as várias acepções acima - pelos menos as três principais que evoquei - , ora mais fracas ora mais fortes, permanecem como elementos do trabalho daqueles que se entendem como *fazendo* filosofia nos dias de hoje. A filosofia não existe sem que se dê um



choque no banal; nem existe se não faz algum tipo de crítica, não no sentido fundacionista, mas simplesmente no sentido de não aceitar a primeira resposta que aparece para toda e qualquer coisa; e, enfim, a filosofia não consegue ser chamada de filosofia se não redescreve continuamente as relações entre "eu"- "mundo", redescrevendo então uma série de outros problemas derivados ou, então, emergentes de seu próprio novo redescrever; ou seja, a filosofia não sobrevive sem pegar as metáforas emergentes para ... literalizá-las.

Isso é uma definição de filosofia? Não! Eu disse que uma definição de filosofia é o que não se deve fazer ao se definir a filosofia - isso é apenas e tão somente uma espécie de *impressão* de quem continua lendo livros do que convencionamos chamar de filosofia e de história da filosofia em um tempo onde as normalistas não existem mais.

Paulo Ghiraldelli Jr.

Marília, Jardim Acapulco, Páscoa de 2001



Prof. Borges

